

GLAMOUR

# Lifestyle

Por PAULA JACOB

## ARGILA E AFETO

A busca por uma vida *slow* e com sentido representa esta nova leva de mulheres ceramistas, que transformam corpos femininos e elementos da natureza em arte e objetos cheios de poesia. Palmas (lentas!) Por ANA PAULA ASSIS



Os copos de café "Mini Nude" (R\$ 150, cada), da Hanna Englund Ceramics, viraram hit no Instagram

Hanna Englund  
em seu  
ateliê com a  
"Skulptur nº 01"  
(R\$ 5.000)

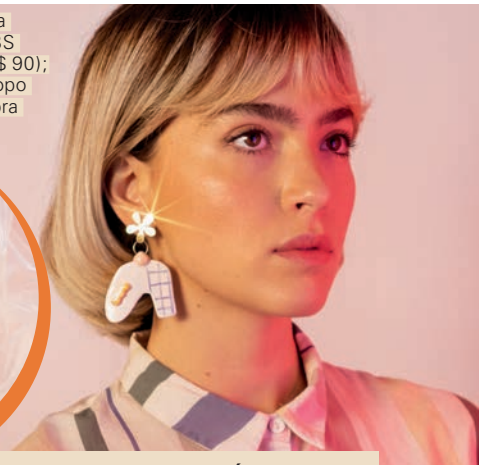


### HANNA ENGLUND

Natural de Estocolmo, a ceramista Hanna, 39, trilha uma carreira no universo fashion, como compradora de moda, antes de ancorar seu barco no porto das cerâmicas. "Fiz meu primeiro curso há menos de três anos. Foi amor à primeira vista", conta. No ateliê da sua @hannaenglundceramics, no bairro da Urca, no Rio de Janeiro, ela cria coleções inspiradas na pluralidade das formas orgânicas, caso da linha Tropical, com itens feitos a partir da observação de folhagens e frutos, e da Nude, como o nome já sugere, criada para celebrar o feminino. "Adoro trabalhar de forma criativa ao explorar a relação entre o corpo e a natureza", afirma. O resultado mescla o estilo escandinavo com uma pitada carioca – sucesso garantido nas redes e entre clientes como a atriz Alice Wegmann.

**S**e você costuma estar atenta às tendências que surgem nos *feeds* do Pinterest e Instagram, certamente se deparou com a onda minimalista e natural das cerâmicas criadas por mulheres. A prática de modular e queimar argila, claro, não é recente. Mas, por motivos de quarentena & necessidade real de calma, seu retorno triunfal aconteceu. O *slow design*, vertente do Slow Movement, criado em 2002 pelo inglês Alastair Fuad-Luke, prega que o indivíduo precisa desacelerar os processos e estar equilibrado junto ao seu meio social. "Aqui no Brasil, o movimento ainda tem muito fôlego para crescer", diz Karine Rossi, idealizadora da plataforma de empreendedorismo criativo Rede Manual. "Nosso papel é ressignificar a palavra 'artesanato' no País e mostrar que o produto feito à mão possui qualidade e autoria. Direcionar a compra para os pequenos produtores é realmente um ato político." Sustentabilidade e afetividade são os pilares desta narrativa, que ganha protagonismo com as mulheres talentosas que você conhece a seguir.

Anália usa  
brinco ABS  
Dobra (R\$ 90);  
abaixo, copo  
Casa Dobra  
(R\$ 100)



### ANÁLIA MORAES

A paulistana de 26 anos tem expertise em esculpir formas delicadas na argila em alta temperatura. Seus primeiros passos na área se deram como assistente de pintura do artista Stephan Doitschinoff, em 2012. "A experiência amadureceu a ideia de atuar com criatividade", diz. Fã de nomes como Marie Hermann e Ernesto Neto, ela explora diferentes suportes com o objetivo de amplificar os resultados plásticos. "Para as cerâmicas, me inspiro na ideia de transitar entre escultura e objeto, sem limitar a forma pelo uso, mas, sim, testar como o design, as cores e a deformação de algo feito manualmente podem brincar com a percepção de utilidade", diz a sócia do estúdio @casadobra.



Máscara  
Sem Título  
(R\$ 1.050)

## GABRIELLA MARINHO

Jornalista de formação e artista plástica por vocação, Gabriella, 27, é a idealizadora do @ateliekianda. Há seis anos baseada em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, a carioca transita por linguagens diversas, como escultura, pintura, poesia, fotografia e audiovisual. No universo da cerâmica, a sua produção feita à mão investiga a relação dos povos africanos e diaspóricos com o barro. “Tento desmistificar a perspectiva embranquecida da cerâmica enquanto arte”, explica. Recentemente, representada pela galeria @0101artplatform\_, ela expôs a sua obra na SP-Arte, maior feira de arte contemporânea da América Latina. “Uso o barro como um corpo, ele pode virar tinta, ser desmembrado, ganhar contornos ou ser transformado em instalação.” Demais!



“Meu processo reverencia a mulher negra enquanto corpo-potência estética e decolonial na modernidade”, afirma Gabi



“Para além de ser uma marca, minha ideia é criar um espaço coletivo de conexão entre mulheres”, diz Mafe Galetti



Maria Ana, da série Sentir  
(R\$ 360)

## MARIA FERNANDA GALETTI

Qual é o seu lugar na sua vida? A pergunta filosófica fez a goiana Maria Fernanda Galetti, 34 anos, radicada em São Paulo há 13, repensar o próprio *lifestyle*. Em 2017, a publicitária teve um *burnout* por conta da rotina exaustiva das agências. “Fui buscar uma atividade para acalmar a mente, e a oficina de cerâmica, junto ao fazer manual, me levaram para este outro lugar”, diz. Após alguns meses sabáticos, na Itália, o hobby transformou-se no projeto @todasnosmarias. A proposta ressignifica o papel da mulher na sociedade e o quanto devemos protagonizar as nossas histórias individuais. “O nosso corpo sempre esteve a serviço do patriarcado”, afirma Mafe. Em seu ateliê, ela cria peças de argila e com design personalizado, que expressam a diversidade e a força representativa do significado de ser um corpo feminino no mundo.